

o sexo... Nada! Forme-se um bom juízo a respeito e estará resolvido o problema. O sexo é um "cocktail": dura o mesmo tempo, tem o mesmo efeito e quase que a mesma significação.

Mas um filho? Um filho, sim! Era a sensação a ser experimentada, mas a que Constance só se aventuraria com muitas cautelas. Em primeiro lugar, tinha de descobrir o homem — e, coisa curiosa, não havia no mundo um único homem de quem desejasse um filho. Um filho de Mick? Pensamento repugnante. O mesmo que ter um coelho. De Tommy Dukes? Encantador, mas impossível desejá-lo para uma nova geração. Tommy tinha o seu fim em si mesmo. E entre as relações bastante numerosas de Clifford não via um homem que não lhe provocasse desprezo, ao pensar nele para fins procriativos. Alguns dariam amantes bem aceitáveis, mesmo Mick. Mas procriar com eles? Bah! Humilhante e abominável.

Pois é isso mesmo.

E, entretanto, ter um filho era pensamento-verruma de Constance. Esperava! Faria passar pelo crivo gerações de homens, a ver se encontraria entre eles algum. "Correi as ruas e vielas de Jerusalém, a ver se encontráreis um homem." Foi impossível encontrar um homem na Jerusalém do profeta, embora lá houvesse milhares de seres do sexo masculino. Mas um *homem*? Isso é outra coisa!

Constance pensou em procurar um estrangeiro, não um inglês, e menos ainda um irlandês. Um puro estrangeiro.

Esperar! Esperar! No inverno próximo levaria Clifford a Londres. No seguinte levá-lo-ia para o sul da França ou à Itália. Esperar! Constance não tinha pressa nessa questão do filho. Era um negócio só seu, que não importava a ninguém, mas que do seu ponto de vista feminino a interessava tremendamente. Não se fiaria na sorte. É possível tomarmos um amante que não sabemos quem é; mas o homem que nos dará um filho, isso é outra coisa. "Correi as ruas e vielas de Jerusalém..." Não era uma questão de amor, mas de *homem*. Poderia até odiá-lo pessoalmente. Mas se fosse um *homem*, que importância teria o ódio pessoal?

Chovia amiúde, como era próprio da estação, e os caminhos estavam muito encharcados para que o carrinho de

Clifford pudesse sair. Constance não dispensava os passeios. Saía só todos os dias, dando preferência ao bosque, onde se encontrava verdadeiramente só. Nunca havia por ali ninguém.

Certo dia Clifford teve de mandar um recado ao guarda-caça, e como o "bok" estivesse gripado (havia sempre alguém gripado em Wragby) Constance ofereceu-se para a incumbência.

Estava um ar parado, de mundo que morre lentamente. Tudo cinéreo, viscoso, silente. Não se ouvia sequer o barulho das minas, naquele dia de serviço parado. Um fim de todas as coisas.

Vida nenhuma no bosque, nenhum movimento. Só grossas gotas que saíam da galhaça desunida com um ruídozinho oco. No mais, por entre as velhas árvores, um tom de inércia desesperante, de silêncio, de nada.

Constance avançava. Do velho bosque lhe vinha uma velha melancolia que acalmava um pouco, que valia mais que a dura insensibilidade do mundo exterior. Era-lhe agradável tudo o que havia de *interior* nesse remanescente de floresta, na indizível reticência das velhas árvores. Um poder de silêncio por ali, entretanto, uma presença vital. Também as árvores esperavam; esperavam obstinadamente, estoiicamente, exalando de si um poder de silêncio. Talvez só esperassem o fim — serem abatidas e levadas: o fim da floresta — para elas o fim de todas as coisas! Mas talvez que seu forte e aristocrático silêncio, o silêncio das árvores fortes, significasse algo mais.

Afinal, emergiu da floresta pelo lado norte. Lá estava a cabana do guarda, sombria, de pedra escura, com telhado de várias águas. Pareceu-lhe desabitada, tal o silêncio e solidão reinante. Leve fumaça, entretanto, saía pela chaminé e o jardimzinho, com a terra revolvida de fresco, mostrava-se cuidadosamente tratado. Porta fechada.

Constance sentiu-se de súbito intimidada à lembrança do homem de olhos perspicazes que ali morava. Desagradou-lhe ter de procurá-lo e sentiu ímpetos de fugir. Não obstante, bateu de leve na porta. Ninguém apareceu. Bateu de novo, sempre de leve. Nenhuma resposta. Olhou pela janelá: uma